



IMPACTOS DA REVOLUÇÃO DIGITAL NO JORNALISMO

Oportunidades e riscos em cenários complexos

O que jornalistas atuantes em redações podem esperar das mudanças geradas pelas inovações tecnológicas e pelos novos mercados de trabalho.

O estudo “Impactos da Revolução Digital no Jornalismo” avalia as transformações e a visão de tendências futuras da atividade, com foco nos profissionais atuantes em redações. Inclui a identificação de oportunidades e ameaças que a revolução digital tende a exercer sobre funções desempenhadas pelos profissionais que atuam em redações de mídias tradicionais e digitais, dominadas por grandes marcas de empresas de comunicação, de abrangência nacional e local.

As análises destacam, em especial, os riscos futuros das atividades do jornalista no cotidiano de produção e publicação de notícias. O objetivo é dar visibilidade para mudanças e contribuir para a elaboração de novas estratégias de atuação no mercado e na sociedade.

**EM SÍNTESE**

Não é a tecnologia que ameaça

Primeiro, a boa notícia. No futuro, jornalistas continuarão a ser contratados para o trabalho em redações. Os riscos de automação integral das atividades de jornalistas são baixos. A substituição de parte do contingente de trabalhadores por sistemas ou máquinas pode ocorrer, de fato. Mas mesmo os sistemas inteligentes de produção de textos, que já hoje “redigem” notas, resultados de eventos esportivos e relatórios, requerem a intervenção, em algum momento, de seres humanos.

Vulneráveis de fato são algumas das funções específicas, sujeitas à automação. São atividades enquadradas no raciocínio de que tudo que seja descrito por rotinas tem potencial para ser substituído. Na aplicação dos métodos de análise criados pelo Radar do Futuro e seus parceiros, os editores tendem a ser mais vulneráveis do que repórteres. Seja por desempenharem mais atividades previsíveis, que podem ser realizadas por sistemas ou pelos próprios repórteres, seja por terem salários maiores, aliás um fator que também pesa na balança.

Grandes empresas jornalísticas já adotam os sistemas de automatização de produção de notícias. O modelo de emprego baseado em redações com dezenas de jornalistas vai sendo extinto, afetando veículos de todos os segmentos. As redações atuais darão lugar a estruturas formadas por prestadores de serviços autônomos.

O maior risco para o jornalista profissional está associado à concorrência predatória de outros especialistas. Os humanos, não os robôs ou softwares, são os maiores geradores de problemas para a sobrevivência futura. Como já ocorre hoje, o jornalista se resente da entrada de novos “atores”, em papéis capazes de ameaçar a dominação sobre o mercado.

São, por exemplo, os produtores de conteúdos, vindos de diferentes especialidades. Protagonistas de mudanças, pessoas com conhecimentos de tecnologia, design e do marketing e, mesmo, de outras áreas. Os concorrentes tendem a assumir o papel de criadores de novos modelos de negócios. Eles estabelecem novas regras de produção, de textos baseados em métricas quantitativas.

A concorrência predatória com outras áreas é a força de maior risco para o futuro dos jornalistas

11% é a possibilidade de automação das funções de repórteres

Carl Benedikt Frey/
Michael A. Osborne



CENÁRIO HOJE

Atual estágio da profissão

Desde o início da década atual, os efeitos da crise global da área de comunicação, incluindo, naturalmente, o mercado brasileiro, se intensificaram. As dificuldades refletem a transformação forçada pela consolidação das mídias digitais como principais fontes de informações da população e concorrentes diretos das mídias tradicionais. O processo se acelerou nos últimos anos.

Desde 2012, mais de 1.200 jornalistas dos 145 mil registrados, foram demitidos em todo o País.

O ano de 2016 foi especialmente dramático para a imprensa brasileira. A circulação dos cinco maiores jornais registrou uma queda de 8% a 15% no primeiro semestre

em relação ao mesmo período do ano anterior, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC).

O site ABI Online registrou ao longo do ano o fechamento de cerca de 15 veículos, entre eles emissoras de rádio e TV e jornais impressos.

Mesmo que as grandes empresas jornalísticas do País tenham consolidado as suas marcas no ambiente digital, com a captação de assinantes, ainda não conseguiram assegurar o mesmo nível de receitas, condição necessária para a manutenção das estruturas de jornalistas para cobertura nos moldes do passado.

Onde os jornalistas trabalham hoje

O exercício da profissão de jornalista em redações tem sofrido profundas mudanças de perfis em anos recentes.

Os mais jovens atuam em trabalhos precarizados. Os mais velhos migram para a coordenação das assessorias de comunicação. Hoje, a profissão é majoritariamente exercida por mulheres. Mas, nas redações, os homens de meia idade ainda são maioria, inclusive com os melhores salários.

Segundo dados do estudo “Perfil da Mídia Brasileira”, realizado em 2012 pela Universidade Federal de Santa Catarina, dois terços dos jornalistas tinham renda até cinco salários mínimos e quase metade trabalha mais de oito horas por dia. São contratados sobretudo como repórteres ou editores e trabalham principalmente com reportagem, redação, produção de pautas, edição e fotografia.

Principais funções dos jornalistas em redações

- Reportagem: 84,3%
- Redação: 83,1%
- Produção de pautas: 70,6%
- Edição: 67,9%
- Fotografia: 35,4%

fonte: UFSC



A queda da mídia tradicional

Duas emissoras de televisão, três rádios, um site de notícias e sete veículos impressos encerraram suas atividades em 2016. Nem mesmo blogs escaparam da onda. O impacto das tecnologias foi tão grande que publicações tradicionais abandonaram a veiculação em papel e migraram para o digital.

Outros não suportaram essas transformações e encerraram definitivamente suas atividades, como o Jornal do Comercio

do Rio de Janeiro, o mais antigo do país, fundado ainda no Império, em 1827.

Em São Paulo, segundo o Sindicato dos Jornalistas Profissionais, 581 profissionais foram demitidos, um pouco abaixo dos números de 2015, quando 726 foram dispensados, e acima de 2014, que registrou mais 499 desempregados. Jornalistas da Rádio e TV Cultura que estão há três anos sem qualquer reajuste de salário entraram em greve.

A ascensão dos grupos globais

A holding Alphabet, proprietária do Google, alcançou US\$ 79,4 bilhões em receita com anúncios em 2016. Valor três vezes maior que os US\$ 26,9 bilhões contabilizados pelo Facebook. As empresas detiveram 20% dos investimentos globais em publicidade dos anunciantes no ano passado — número que dobrou, em comparação a 2012.

Google e Facebook ocupam, portanto, os primeiros lugares do ranking, realizado pela consultoria Zenith Optimedia. As informações constam na nova edição do relatório “Top Thirty Global Media Owners”, que deixou de fora outras atividades além das receitas vindas de anúncios.

A americana Comcast está em terceiro lugar e a Baidu, em quarto no ranking global dos grupos

de mídia. O Grupo Globo é o único brasileiro dos top 30, aparecendo na 19ª posição.

Em 2016, cerca de 75% das verbas de marketing investidas online foram para Google e Facebook ano passado. Dados de mercado mostram que, nos Estados Unidos, cerca de 85% desses mesmos investimentos foram feitos nas duas empresas no primeiro trimestre deste ano.

No Brasil, essa concentração do poder das empresas globais não ocorreu por conta do poder da TV no País. Objetivamente, a Globo domina o mercado, graças ao uso do sistema de “premiação dos grandes anunciantes”, que ainda tem a conivência das maiores agências de publicidade. O cenário é transitório. E a própria Globo sabe disso.





FUTURO

Automação de funções

O Radar do Futuro avaliou as perspectivas de automação das funções de editor e de repórter, centrais no processo de produção jornalística, com a identificação das atividades mais importantes de cada uma delas. Foram avaliados critérios das atividades como tempo e relevância, nível de rotina, de envolvimento humano, de uso de criatividade e exigência de acesso e processamento de dados. Confira algumas das conclusões:

- Funções típicas de editores são mais susceptíveis de automação do que as de repórteres. As atividades mais vulneráveis são relacionadas com a correção de textos e fechamento de páginas.
- As atividades menos vulneráveis de editores são as relacionadas às decisões editoriais e coordenação de produção, inclusive equipes.
- Pontos fortes dos editores são exatamente as atividades que dependem das habilidades humanas de coordenação, liderança, decisão e criatividade.
- Pontos fracos, capazes de justificar a automação, são as atividades rotineiras e previsíveis (leitura de texto, publicação final) e salários elevados.
- Funções de repórteres tendem a ser preservadas, especialmente de profissionais envolvidos com produção de textos analíticos, que explorem o conceito de jornalismo de dados.

Forças e fraquezas das principais funções

- As atividades menos vulneráveis envolvem a aplicação do conceito de análise de dados, proposto pelo jornalismo de dados, por exemplo. O jornalista ganha força com o uso intensivo de ferramentas tecnológicas no processo de coleta e processamento de dados para a produção de matérias diferenciadas.
- A exigência de habilidades de interação humana, senso crítico e visão investigativa são fatores que inibem a automação.
- Pesquisas de apoio, produção de notas, resenhas, resultados de eventos, revisão de textos são passíveis de automação.
- De forma geral, as atividades mais burocráticas tendem a ser alvo da substituição tecnológica ou fusão de processos.

METODOLOGIA

A análise envolveu o mapeamento de atividades vinculadas às funções dos profissionais nas estruturas atuais das redações.

Cada tarefa foi avaliada a partir de 9 critérios, com seus pesos relativos. Confira os critérios de análise:

- Relevância
- Tomada de decisão
- Conhecimento específico
- Relacionamento humano
- Riscos
- Esforço físico
- Rotinas
- Criatividade
- Processamento de dados



FORÇAS DO FUTURO

Em que prestar a atenção

Quer antecipar e compreender o futuro de uma profissão?

Então, levante as forças principais das mudanças - os drivers ou direcionadores do futuro. Precisamos entender como vamos lidar com as transformações, das quais somos artífices.

A sociedade global vive o momento em que as tecnologias alcançaram as condições ideais de funcionamento. Atingimos a etapa da história da humanidade e da evolução tecnológica em que se tem, no mais simples smartphone, três forças fundamentais: poder de processamento, capacidade de armazenamento e banda larga - a possibilidade de tráfego sem limites das informações.

O amadurecimento das tecnologia solidifica as bases para o influência exponencial, nos próximos anos, da revolução digital. Também denominada de quarta revolução industrial. A automação, que já existe há décadas, ganha a possibilidade de impulso com a evolução das máquinas. Daí as projeções sobre a substituição de trabalhadores que desempenham tarefas repetitivas.

No livro “A quarta revolução industrial”, Klaus Schwab, presidente do Fórum Econômico Mundial, diz “estamos no início de uma revolução que alterará profundamente a maneira como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Em sua escala, escopo e complexidade, a quarta revolução industrial é algo que considero diferente de tudo aquilo que já foi experimentado pela humanidade”.

A citação à entidade que reúne as principais lideranças econômicas, políticas e sociais do planeta é importante. O olhar para o futuro revela preocupações com a for-

ma como a sociedade está se preparando para as mudanças. “As mudanças são tão profundas que, nas perspectivas da história da humanidade, nunca houve um momento tão promissor ou perigoso”, reforça Schwab.

A consciência sobre a revolução digital está apenas começando. A sociedade passou a prestar atenção em temas como inteligência artificial, sobre impressoras 3D, internet das coisas, big data, nanotecnologia e biotecnologia, entre outros.

Trabalhadores temem os efeitos da evolução da robótica e da automação, que prometem mudar no panorama dos sistemas produtivos. Com efeitos profundo sobre o emprego e a distribuição de renda. Empresários vislumbram novas oportunidades, acreditando que haverá a repetição das revoluções anteriores, em que a eliminação de empregos foi compensada pela criação de novas atividades.

A tecnologia não conta todas as histórias do futuro, como força isolada da construção da vida nos próximos anos. No cenário político, por exemplo, há o esgotamento dos modelos de gestão e a descrença nas lideranças. O envelhecimento da população e os jovens nascidos em famílias pequenas criam novas demandas e estabelecem novos comportamentos em relação ao acesso a informações. Cabe à sociedade se antecipar para entender o que vem por aí.



econômicas

Os próximos anos serão marcados pelas transformações dos padrões de funcionamento da sociedade global e do sistema produtivo. O mundo convive com a emergência do “novo normal” da economia, influenciado pela digitalização de tudo.

Para empresas, o cenário futuro leva à busca de novos modelos de negócios. Para trabalhadores, força a criação de alternativas de sobrevivência. Para o mercado, induz à descoberta de consumidores diferentes.

A automação de processos e a robotização, entre outras inovações, mudam a estrutura da produção de bens de consumo. Força das três primeiras revoluções industriais, a fábrica perde centralidade como motor do sistema de produção global.

O cenário terá a convergência de baixo crescimento da economia, com a predominância do setor de serviços como principal fonte de oportunidades de trabalho - não necessariamente de empregos.

Economia compartilhada, uberização, empreendedorismo e novos modelos de consumo determinarão algumas das oportunidades das relações econômicas e sociais.

- Crescimento da economia
- Distribuição de renda
- Concentração de poder econômico: vencedor leva tudo
- Desemprego elevado, especialmente entre jovens
- Terceirização
- Influência do setor de serviços
- Culto ao empreendedorismo
- Novas dinâmicas de produção e consumo
- Consumo digital

impactos

No cenário do “novo normal” econômico, as empresas jornalísticas, entre marcas sobreviventes e novos concorrentes, explorarão ao máximo saídas alternativas de contratação de trabalhadores.

Equipes enxutas, auxiliadas intensivamente por tecnologias, com relações precárias e prestadores de serviços serão características definidoras.

O emprego para jornalistas, em redações, tende a ser cada vez mais escasso. As empresas recorrerão intensivamente a recur-

sos como a terceirização e trabalho a distância (home office).

O desemprego generalizado entre jovens favorece a entrada de especialistas de outras áreas no jornalismo digital. A corrida por alternativas de renda será favorecida pela informalidade dos mercados.

Mercados desregulamentados, mal remunerados, com raras exceções de analistas com ganhos acima da média, são um ambiente para o retorno do modelo de jornalismo anterior aos anos 1980.



sociais

Mudanças demográficas serão determinantes para entender como estará a sociedade nos próximos anos. Jovens nascidos sob a influência digital estarão entrando no mercado de trabalho.

Mas não ocuparão as vagas deixadas por seus pais e avós. Na verdade, as vagas sequer existirão na forma como são ocupadas atualmente.

A “Geração Z” tem suas particularidades, que definirão rumos das sociedades. Como a propensão para empreender mais. Também uma predisposição mais favorável para o trabalho remoto. Essas duas características criam perspectivas de novas relações de trabalho e refletirão em todo o mercado.

Os avanços das tecnologias de saúde possibilitarão às gerações mais velhas viver mais com melhores condições de vida. Mas serão avanços em uma sociedade mais desequilibrada.

- Mudanças demográficas
- Expectativa de vida
- Equilíbrio social
- Hábitos de consumo
- Qualidade de vida
- Questões climáticas

impactos

Novos hábitos de consumo, especialmente entre jovens, afetam o acesso e o consumo entre jovens, que tendem a questionar o papel desempenhado pelas marcas tradicionais de jornalismo e, como efeito, afetar as oportunidades de trabalho para jornalistas.

E vão automatizar o próprio consumo dos conteúdos sobre fatos, com o acesso a ferramentas de indexação de notícias. O Hábito do jovem atual está no Smartphone. Ele está geral lê pouco, não vê telejornal, mas está o tempo todo consumindo blogs, vlogs, notícias digitais, tudo em meio a muita rede social.

A migração da demanda por notícias, que saiu do papel para o digital, principalmente pelos mais jovens que já entram na vida adulta buscando informações em celulares e tablets, fez pressão sobre a oferta de jornais e notícias em revistas e papel.

Ao migrar para a mídia digital foi facilitada a proliferação de robôs que conseguem ler, capturar notícias e publicar nesta mídia.

O home office, por exemplo, que era uma exceção, passa a ser cada vez mais adotado pelas empresas, levando, inclusive, os empregadores a pensarem em novas formas de monitoramento dos seus prestadores de serviços.



político-jurídicas

A convergência de um ambiente disputado e dominado por vieses neoliberais e liberais - “republicanos e democratas”, em uma analogia com a política dos EUA - com controles crescentes sobre movimentos sociais. Esta será a marca dos próximos anos do cenário político e jurídico, sob a convergência das tecnologias e do “novo normal” econômico.

A integração entre poderes políticos e econômicos propiciará condições ideais para o aumento da influência dos interesses privados sobre a sociedade. Como consequência, tende a ser assegurada a desregulamentação de relações de trabalho e uma redução de investimentos em despesas de cunho social.

Não será um cenário tranquilo. Dos dois lados, à esquerda e à direita, os radicalismos serão crescentes. Instituições e autoridades políticas e jurídicas sofrerão processo de desgaste continuado.

- Vies liberal predominante
- Precarização da legislação trabalhista
- Desregulamentação crescente
- Ausência de lideranças políticas
- Descrédito no Judiciário
- Radicalismos crescentes

impactos

A desregulamentação da legislação trabalhista, levada ao extremo, favorece a contratação para projetos terceirizados como a saída para a criação de oportunidades de trabalho dos jornalistas.

A precarização, que já ocorre hoje no atual cenário da profissão, tende a ser acelerada. Os sinais já parecem claros, com empresas tradicionais, em crise, pressionando trabalhadores a aceitar redução de salário sem a correspondente redução de horário de trabalho.

O ambiente político e jurídico fortalecerá, no caso dos jornalistas, o trabalho por

jobs - como prestadores de serviços: cada profissional fazendo o que sabe ou pode em diversas empresas.

A Accenture, empresa de tecnologia, define o sistema como “força de trabalho líquida”. Profissionais que não estão mais fisicamente na redação, porém podem ser acessados e gerar projetos a qualquer momento.

Em contrapartida, pode ser esta a alternativa para manutenção de receitas aos jornalistas através de contratos terceirizados com estes especialistas que receberão pelos trabalhos executados.



tecnológicas

O futuro chegou. Previsões que transitarão pela imaginação de escritores de ficção científica, em livros e filmes, ganham contornos de realidade no atual momento. A revolução digital - ou quarta revolução industrial - dá formas a um novo modelo de sociedade.

Três elementos centrais sintetizam a maturidade das tecnologias: temos poder de processamento, capacidade de armazenamento e banda larga para o tráfego de informações.

A influência crescente da inteligência artificial, por exemplo, é o resultado deste momento em que as tecnologias estão maduras. Em que o aumento do poder de processamento, por exemplo, representará imensos ganhos de escala.

- Inteligência artificial
- Internet das coisas
- Internet em tudo - ubíqua
- Automação
- Robotização
- Big data analytics
- Realidade virtual
- Realidade aumentada
- Assistentes virtuais
- Tradutores instantâneos

impactos

Ontem, o papel. Hoje o smartphone. Amanhã, o vídeo em todos os lugares. As plataformas de acesso a informações tendem a mudar e a exigir novas adaptações dos profissionais.

A revolução digital transforma profundamente a forma como as pessoas consomem notícias e conhecimentos.

A automação de processos de produção de notícias, com uso de recursos que exploram a inteligência artificial e a análise de dados na rede - big data analytics - tende a intensificar. Será possível produzir um maior número de informações com menor número de jornalistas -- ou não jornalistas -- que desempenharão, inclusive, atividades ex-

ercidas por outras funções tradicionais da profissão.

Em jornais estrangeiros, em especial, há uma valorização dos jornalistas capacitados para o uso de ferramentas de análise, dentro do conceito de jornalismo de dados.

A capacidade cognitiva dos robôs (bots), que conseguem ler textos, possibilita rápida leitura e resumo de informações ao redor do mundo, impossíveis de serem feitas em tempo hábil por qualquer ser humano.



específicas

As marcas de mídias tradicionais apostam na perspectiva de se consolidarem como herdeiras naturais do mercado que está sendo gerado pelas novas mídias. Para o futuro emprego do jornalista, esta é uma condição essencial para a criação de novas oportunidades de trabalho.

Os grupos de comunicação dependem, entretanto, da capacidade de manter o mercado publicitário como aliado. E da busca de novas fontes de financiamento de suas atividades. É essencial compreender também o comportamento do consumidor de informações.

Outra variável a considerar no cenário de mudanças do mercado de comunicação é a perspectiva de surgimento de novos concorrentes. Como alguma nova empresa, como o Google, que, como empresa de tecnologia inicialmente, desponta hoje na liderança de receitas em publicidade.

- Mídias tradicionais
- Mercado publicitário
- Fontes de financiamento
- Novos concorrentes
- Consumidores de informações
- Novas mídias
- Acesso à internet
- Plataformas de acesso - smartphones
- Novos modelos de negócios

impactos

A decadência da mídia tradicional vai se acelerando, sem a mesma capacidade de geração de receitas, provocando cortes nas redações.

O mercado publicitário abandona as mídias tradicionais e converge para o marketing digital, o que afeta profundamente as expectativas de geração de receitas das marcas tradicionais de mídia, mesmo que elas consigam alcançar elevados níveis de audiência.

Suas atividades tendem a ser assumidas por repórteres, em um modelo de redação enxuta, formada por profissionais multi-tarefas.

Novas gerações de jornalistas, com perfis mais liberais, tendem a investir em iniciativas independentes, buscando uma compensação para a escassez de empregos. Estarão mais expostos ao conceito “força de trabalho líquida”, pois não estão mais fisicamente na redação, porém podem ser acessados e gerar projetos.

Como já ocorre atualmente, tal tipo de relação de trabalho vai resultar em queda de ganhos dos profissionais. Os sobreviventes serão aqueles que investirem em capacidade de investigação. São os que dominam ferramentas tecnológicas aplicadas, como no caso do jornalismo de dados.



CONCLUSÕES

O que o profissional precisa saber sobre o futuro

- A produção de notícias permanecerá como atividade essencial para a sociedade, demandando profissionais para a cobertura de fatos cotidianos.
- A manutenção ou não dos empregos depende da evolução do cenário.
- Os fatores geradores de automação não estão apenas ligados à evolução da tecnologia, mas também ao ambiente competitivo, mudanças culturais e outras acima descritas.
- Assim como algumas atividades deixarão de existir, outras surgirão.
- O futuro do trabalho aparenta ser um trabalho por jobs, cada profissional fazendo o que sabe em diversas empresas.
- Haverá espaço de trabalho para jornalistas que investirem em conhecimentos de aplicação de ferramentas tecnológicas.

DÚVIDAS	CERTEZAS	HIPÓTESES
<p>Repórteres serão ainda essenciais</p> <p>Editores nem tanto</p> <p>O jornalismo continuará relevante</p> <p>Inteligência artificial produzirá as notícias</p> <p>Cidadãos serão jornalistas</p> <p>Grandes marcas serão sobreviventes</p>	<p>Digitalização continuará avançando</p> <p>Do smartphone ao acesso em todos os lugares</p> <p>Novos concorrentes</p> <p>Novos modelos de negócios</p> <p>Novas mídias serão criadas</p> <p>Vencedores levam tudo!</p> <p>Vídeos serão o padrão das notícias</p> <p>Internet em tudo, como a luz</p>	<p>Fim do jornal em papel</p> <p>Fim da TV aberta</p> <p>Cobertura global: concentração</p> <p>Jovens demandarão notícias</p> <p>Fortalecimento de modelos locais de produção</p>



AÇÕES POSSÍVEIS

O que fazer para sobreviver

Nos primeiros anos da internet, jornalistas custaram a entender que a internet era uma nova mídia promissora. Não uma tecnologia. O mesmo aconteceu com veículos de comunicação. A grande imprensa desprezou a força da rede mundial de computadores. O mesmo com o mercado de publicidade. Quando profissionais e empresas acordaram, o estrago estava feito. E ainda hoje há quem acredite que os jornais impressos serão geradores de novos empregos no futuro.

Assumir uma postura de protagonista no uso das tecnologias, na percepção das mudanças e na proposta de novas estratégias é a saída para os profissionais de jornalismo. Particularmente para os que atuam ou querem atuar em redações. O jornalismo será cada vez mais digital e repleto de desafios para a sobrevivência.

Confira abaixo algumas das estratégias levantadas para quem pretende se manter atuante como jornalista no ambiente da revolução digital:

ESTRATÉGIAS

Alternativas para garantir oportunidades no futuro





Um dia na vida de um jornalista na redação de 2025

Carro sem motorista atropela grupo de pessoas.

- **A TECNOLOGIA**

Após um minuto, sistemas automatizados do site iniciam a divulgação do acidente.

Eles se conectam aos sensores na rua, que registram todos os instantes. Já sabem quantos atropelados. Informações são cruzadas com bancos de dados de cidadãos e identificam as vítimas, graças ao programa de reconhecimento facial.

Identificam o proprietário do automóvel. As máquinas concluem que o atropelamento foi consequência da programação do carro, que prioriza a proteção dos passageiros.

O sistema também sabe quais hospitais foram notificados. E quais enviaram socorro. Após o apoio, o acesso aos prontuários on line possibilita saber a situação de cada uma das vítimas.

Paralelamente, os softwares inteligentes geram gráficos detalhados sobre acidentes semelhantes, ocorridos desde 2020.

Os dados gerados são comparados com fatos semelhantes, provocados por motoristas humanos.

- **O REPÓRTER**

O sistema avisa o jornalista sobre o atropelamento provocado pelo carro sem motorista.

Enquanto se dirige ao local, o repórter monitora os sensores para saber mais sobre o acidente.

Recorre ao próprio sistema para “sugerir” o levantamento de novos dados.

Ao chegar ao local, conversa com pessoas. Até descobrir uma grande história de alguém que chora.

O seu papel é de contar as histórias, com o uso de todos os recursos multimídia disponíveis, inclusive holografia.

EXPEDIENTE

IMPACTOS DA REVOLUÇÃO DIGITAL NO JORNALISMO

RESPONSÁVEIS

- CARLOS TEIXEIRA - JORNALISTA - RADAR DO FUTURO
- SÉRGIO VIEGAS - Consultor de tecnologia - Especialista em negócios cognitivos e inteligência artificial

APOIO

- NOUS SENSE-MAKING - Consultoria de inteligência de mercado
- Responsável: Brenner Lopes - Consultor Master

Fontes complementares

- European Journalism Observatory
- Relatório da BBC - Future of News
- Scenarios for the future of journalism

PARA SABER MAIS, ENTRE EM CONTATO:

www.radardofuturo.com.br

radardofuturo@radardofuturo.com.br